

# O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRESERVAÇÃO DA INTEGRIDADE DE TESTEMUNHAS NO TELEJORNALISMO

## USING AI TO PROTECT WITNESS INTEGRITY IN BROADCAST JOURNALISM

PAULO EDUARDO SILVA LINS CAJAZEIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa como softwares de IA para conversão vocal reconfiguram a responsabilidade jornalística e a percepção de veracidade em ambientes plataformizados. A metodologia consiste em estudo qualitativo comparativo de 12 reportagens das emissoras RPC TV (PR) e RBS TV (RS), entre junho de 2024 e março de 2026. A base teórica articula os fundamentos da teoria clássica do som, plataformização, ética da proteção de fontes e princípios editoriais para IA. Os resultados revelam a predominância de casos voltados à preservação de vítimas e testemunhas, totalizando sete produções. Conclui-se que a alteração vocal em relatos sensíveis transcende a estética, consolidando-se como imperativo ético e de segurança da informação para neutralizar a extração de metadados biométricos no ecossistema digital.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Inteligência Artificial. Proteção de Fontes. Biometria Vocal. Acusmatização.

### ABSTRACT

*This article analyzes how AI software for voice conversion reconfigures journalistic responsibility and the perception of truthfulness in platformized environments. The methodology consists of a qualitative comparative study of 12 reports from RPC TV (PR) and RBS TV (RS) broadcast between March 2024 and March 2026. The theoretical framework articulates the foundations of classic sound theory, platformization, source protection ethics, and editorial principles for AI. The results reveal a predominance of cases focused on preserving the integrity of victims and witnesses, totaling seven productions. It is concluded that vocal alteration in sensitive reports transcends aesthetics, establishing itself as an ethical and information security imperative to neutralize the extraction of biometric metadata within the digital ecosystem.*

**Keywords:** Television Journalism. Artificial Intelligence. Source Protection. Vocal Biometrics. Acousmatization.

## Introdução

O jornalismo audiovisual contemporâneo enfrenta o desafio ético de narrar a violência urbana sob o monitoramento digital de dispositivos conectados. Nesse cenário, a histórica proteção de fontes torna-se vulnerável devido aos avanços da biometria vocal processada por sistemas de

<sup>1</sup> Pós-doutor em Ciências da Comunicação (UBI/Portugal). Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC - SP). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

inteligência artificial (IA), tecnologia que transforma a voz em um dado matemático rastreável e identificável por algoritmos, superando os métodos de distorção acústica convencionais.

Diante desse panorama, este artigo analisa como o uso de softwares para a conversão integral de vozes reconfigura a responsabilidade social do jornalista e a percepção de verossimilhança no ambiente das plataformas digitais. A investigação foca-se na substituição da assinatura sonora original por sínteses de voz como estratégia para resguardar o anonimato e a integridade de vítimas e testemunhas, inserindo-se nos campos de estudo de *newsmaking* e do jornalismo audiovisual, que investigam como as rotinas produtivas e os valores-notícia são tensionados pela automação.

A literatura clássica — fundamentada por Gaye Tuchman (1978) e Mauro Wolf (1987) — demonstra que o acontecimento noticioso é codificado por meio de constrangimentos organizacionais e da cultura profissional das redações. Na era digital, esse processo é atravessado por sistemas algorítmicos que pesquisadores como Carlos Arcila-Calderón *et al.* (2020) e Pere Masip *et al.* (2024) definem como jornalismo computacional. Essa perspectiva se manifesta na relação entre a expansão das técnicas estéticas do telejornalismo e as garantias de segurança das fontes em plataformas digitais.

Por um lado, os softwares de processamento bioacústico e de áudio sintético atuam como recursos para a preservação de relatos sensíveis, transmitindo os depoimentos no ambiente audiovisual sem a utilização das distorções de frequência convencionais. A substituição do sinal original por uma síntese de voz preenche a ausência do registro visual da testemunha, retendo os parâmetros de ritmo, pausas e entonação da fala original. Desse modo, o procedimento técnico funciona como um mecanismo de proteção à integridade dos entrevistados, viabilizando a captação de depoimentos em cenários de risco nos quais a identificação por biometria vocal inviabilizaria a denúncia jornalística.

Como explicam Giacomelli e Biolchi (2026, p. 45), no ecossistema das plataformas digitais, a inteligência artificial na produção audiovisual “potencializa novas poéticas e exige um rigoroso letramento algorítmico para resguardar a credibilidade”. Adicionalmente, conforme apontam Finger e Barbizan (2025), a introdução de dinâmicas automatizadas complexifica a recepção da mensagem, uma vez que “o uso de narrativas assistidas por IA altera a percepção de autenticidade da audiência”. Se o público não compreender que a alteração é estritamente paramétrica — um recurso de segurança e não uma simulação de conteúdo —, a verossimilhança do relato jornalístico é afetada perante o telespectador. Por esse motivo, os protocolos editoriais exigem das redações procedimentos de transparência metodológica.

O editor atua no controle do fluxo de trabalho (*human-in-the-loop*), com a responsabilidade de auditar o processamento do algoritmo para assegurar a fidelidade semântica do relato, inserindo identificadores textuais na tela e explicações verbais durante a transmissão para discriminar o uso legítimo do recurso técnico, ao passo que Tony Silvia (2025) reforça a necessidade de salvaguardas éticas no *broadcasting* para evitar a distorção do sentido original dos relatos.

Para compreender essas dinâmicas, a pesquisa adota um desenho comparativo e exploratório de natureza qualitativa e quantitativa, articulando a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) com a Análise da Materialidade Audiovisual de Iluska Coutinho (2016). No plano normativo, examinam-se as diretrizes institucionais do Grupo Globo atualizadas em junho de 2024, que estendem parâmetros éticos às suas cinco emissoras próprias e 118 afiliadas.

Esses princípios determinam que a IA sirva como ferramenta assistencial sob supervisão humana, com obrigatoriedade de alertas visuais ao público para evitar confusões de veracidade, manutenção dos valores de isenção, conformidade legal no uso de bases de dados e capacitação contínua das equipes regulada pelo Conselho Editorial.

No plano empírico, o *corpus* é constituído por 12 videorreportagens selecionadas no acervo da plataforma Globoplay. A escolha das afiliadas RPC TV (PR) e RBS TV (RS) fundamenta-se na convergência geográfica e editorial da região Sul, onde ambas compartilham rotinas pautadas por diretrizes nacionais e implementam protocolos locais de inovação.

Os critérios de inclusão delimitaram matérias exibidas entre junho de 2024 e março de 2026, focadas em violência urbana ou assédio, que empregaram softwares de IA para conversão, clonagem ou síntese integral de voz. Foram excluídas as produções de circulação nacional, os materiais estritamente ilustrativos ou recreativos e as reportagens que recorreram aos métodos tradicionais de mascaramento sonoro analógico ou digital convencional, caracterizados por alterações lineares de frequência que descaracterizam a prosódia original.

A partir deste delineamento, o estudo investiga como a conversão de vozes por IA no *broadcast* jornalístico reconfigura a proteção de fontes e a percepção de verdade perante a vulnerabilidade bioacústica na rede. Parte-se do pressuposto de que os recursos convencionais de ocultação se tornaram insuficientes contra algoritmos de engenharia reversa.

Desse modo, embora a criação de uma máscara vocal sintética funcione como um recurso de mediação ética essencial para viabilizar as denúncias, a substituição do timbre original introduz uma tensão permanente entre a busca pela verossimilhança e o efeito de artificialidade.

## A linguagem audiovisual e sonora dos documentos audiovisuais

A comunicação constitui o meio fundamental para o estabelecimento de relações interpessoais e coletivas, estruturando as sociedades organizadas. Neste cenário de “tudo tela”, uma paráfrase ao conceito proferido por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy<sup>2</sup>, a imagem destaca-se como uma das formas mais potentes de expressão, impulsionada pelo avanço das tecnologias digitais que intensificaram a produção imagética e sua circulação em rede.

Como observa Aumont (1993, p. 78), a produção de imagens jamais é gratuita; elas são fabricadas para usos específicos, individuais ou coletivos, possuindo funções simbólicas, estéticas e, sobretudo, epistêmicas — ao funcionar como recursos que permitem conhecer o mundo.

No contexto do telejornalismo, a imagem não é apenas um registro visual, mas um documento que “eterniza informações, contribuindo para que a memória coletiva seja preservada ao longo do tempo” (SONTAG, 2004). Contudo, a credibilidade tradicionalmente atribuída à fotografia — a “escrita da luz” (FELIZARDO; SAMAIN, 2007) — enfrenta novos desafios na era da Inteligência Artificial. Se a imagem é o meio pelo qual a realidade é interpretada, a manipulação

2 O conceito de “tela global” de Gilles Lipovetsky, desenvolvido em parceria com Jean Serroy no livro *A Tela Global: Mídias Culturais e Cinema na Era Hipermoderna*, descreve a sociedade contemporânea como uma época dominada pela onipresença das telas (computadores, televisores, smartphones, cinemas).

ou proteção algorítmica dessa imagem (como o desfoque ou a máscara digital) reconfigura o modo como revisita-se o passado e o presente.

A linguagem audiovisual articula elementos sonoros e visuais em um sistema informativo único. Conforme Jesus e Cé (2019, p. 37), essa integração produz uma “nova realidade ou linguagem”. No telejornalismo de denúncia, especialmente em reportagens sobre violência, essa realidade é construída pela tensão entre o que se vê e o que se ouve. A principal característica dessa linguagem é a multiplicidade de códigos, onde a forma de comunicação analisada não utiliza apenas palavras (linguagem verbal), mas combina diversos sistemas de signos e regras diferentes para transmitir uma mensagem. Esta narrativa é considerada híbrida, pois utiliza-se de linguagens verbais, não verbais e mistas ao mesmo tempo.

Nesse contexto, Metz (1972) destaca que o cinema (e por extensão o vídeo) difere da fotografia por introduzir a imagem em movimento, proporcionando uma “impressão de realidade”. No entanto, quando a preservação de uma testemunha exige a supressão da imagem identificável, o equilíbrio audiovisual desloca-se. A montagem, que “não obriga ao respeito pela sucessão temporal” (PENAFRIA, 1999), permite combinar imagens de apoio a áudios protegidos por IA criando uma síntese que preserva a verdade do relato mesmo sem a exposição física do referente. A visualidade manifesta-se por meio de enquadramentos, iluminação e movimentos de câmera.

A luz, como “substância através da qual o homem configura e imagina o que reconhece” (DONDIS, 1997, p. 30), assume papel narrativo central. No jornalismo regional (RPC TV e RBS TV), a iluminação é frequentemente utilizada de forma expressiva para criar o “claro-escuro” que protege a identidade da vítima — a contraluz (*back light*) que enfatiza o contorno, mas oculta as feições (ZETTL, 2011). Essa escolha de enquadramento (planos gerais ou de detalhe que evitam o rosto) não é apenas técnica, mas uma estratégia de significação.

O espectador “projeta-se” no mundo proposto pelo relato, reconhecendo ali afetos transmitidos (AUMONT; MARIE, 2003). Mesmo diante de uma imagem protegida ou digitalmente alterada, a continuidade lógica das cenas permite que a descontinuidade visual seja diluída em uma narrativa coerente de denúncia (XAVIER, 2005). Se a imagem é delimitada no espaço, o som é expansivo (CHION, 2008). No âmbito da linguagem audiovisual, som e imagem associam-se para conduzir a interpretação do espectador (RODRÍGUEZ, 2006). Quando a imagem da testemunha é deliberadamente ocultada para garantir sua segurança, a dimensão sonora torna-se o principal pilar de credibilidade e conexão narrativa.

Segundo o autor (2006), a construção de atmosferas emocionais é outro exemplo clássico da narração audiovisual em que o papel do áudio tem uma grande importância e em que a aplicação adequada da acústica traria um incremento fundamental. Os estados emocionais estão associados aos sons com a mesma força que aos odores, e dispor do instrumental adequado para reconhecer a forma desses sons é ter a nosso alcance a chave das emoções e sensações a eles associadas. Um dos grandes desafios da narração de estados emocionais é encontrar a voz capaz de transmitir com força as sensações transmitidas pela fala. É nesse ponto que se identifica que o uso de IA encontra o seu maior obstáculo — a questão semântica relacionada à verdade na fala.

A voz é o elemento mais importante da banda sonora, pois a percepção humana tende a dirigir a atenção para o conteúdo verbal e expressivo (CARREIRO, 2018). A Inteligência Artificial de voz atua como uma “prótese ética”. Ao converter a voz original em uma voz sintética que pre-

serva a prosódia — emulando a “sensação acompanhada de ideias” (AUMONT; MARIE, 2003) —, o jornalismo evita o estranhamento da distorção clássica e mantém a imersão do espectador.

No processo de pós-produção, a masterização e a mixagem de fontes sonoras protegidas garantem a legibilidade e a motivação do som (STAM, 2003). A percepção fílmica torna-se, então, uma combinação entre o “ver” e o “ouvir” (AUMONT, 1993), onde a IA preenche a lacuna deixada pela invisibilidade visual, salvaguardando a memória social e institucional sem comprometer a integridade da fonte.

## O desenvolvimento de narrativas audiovisuais com foco na voz

O desenvolvimento das tecnologias de áudio baseadas em Inteligência Artificial reconfigura as possibilidades narrativas e de segurança no campo da Comunicação. Entre as principais vertentes, destaca-se a *síntese de voz*, que consiste na conversão de texto escrito em fala. Conforme apontam Canavilhas et al. (2026), as IAs de voz atuais superaram a sonoridade robótica das gerações anteriores, ao alcançar a capacidade de emular a prosódia humana, o que inclui nuances de entonação, ritmo e até a simulação de respiração. Essa tecnologia é observada na interação com assistentes virtuais e nas narrações automatizadas em plataformas de redes sociais.

Além disso, o *reconhecimento de voz* permite que a máquina decodifique o áudio humano, transcrevendo-o em texto ou comandos executáveis. Essa funcionalidade é o que viabiliza a interface por voz em dispositivos móveis e sistemas de busca. O pesquisador Ángel Rodríguez (2006) ressalta a importância da clareza e da dimensão sonora na construção da linguagem, o reconhecimento de voz atua como uma ponte que traduz essa dimensão acústica em dados processáveis e a agilidade produtiva no telejornalismo.

A *conversão ou clonagem de voz* surge como o campo de maior debate ético e deontológico. Nesta modalidade, a IA analisa o timbre, a frequência e os padrões de uma voz real para criar um modelo digital capaz de reproduzir qualquer conteúdo com a mesma “identidade sonora”. Segundo Christofoletti (2021), a tecnologia assume o papel de “prótese ética” no jornalismo: ao permitir a proteção de testemunhas de violência por meio de uma máscara vocal sintética, a clonagem de voz preserva a integridade física da fonte sem sacrificar a humanidade e a emoção do relato.

O debate do processamento bioacústico por Inteligência Artificial (IA) no campo dos estudos de jornalismo (*newsmaking*) exige compreender como as inovações tecnológicas reconfiguram as rotinas produtivas e os valores-notícia tradicionais. Historicamente, a literatura clássica do campo — fundamentada por autores como Gaye Tuchman (1978), com o conceito de “janela de moldação” da realidade, e Mauro Wolf (1987), ao analisar os constrangimentos organizacionais e a cultura profissional das redações — demonstra que o acontecimento não se transforma em notícia de forma espontânea, mas passa por um intrincado processo de filtragem e codificação técnica.

Na contemporaneidade, esse cenário tem sido tensionado pela inserção de sistemas algorítmicos nas redações, fenômeno que pesquisadores como Carlos Arcila-Calderón *et al.* (2020) e Pere Masip *et al.* (2024) definem como “jornalismo automatizado” ou “computacional”. Sob essa nova ótica das rotinas produtivas (*newsmaking*), os valores-notícia tradicionais e a própria segurança jurídica e física das fontes passam a depender de arranjos sociotécnicos.

Como aponta a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede Telejor), no volume *As inteligências do telejornalismo* (2024), a Inteligência Artificial no ambiente televisivo deve ser encarada sob uma dupla perspectiva: como potencializadora de novas poéticas e arranjos narrativos e, simultaneamente, como um desafio ético que reconfigura os regimes de visibilidade e credibilidade da informação. Essa simbiose entre imagem/áudio reais e sintéticos exige o que a literatura contemporânea conceitua como um letramento algorítmico e visual rigoroso das redações.

A transição da distorção vocal convencional — que historicamente impunha barreiras estéticas e desumanizava o sujeito — para as máscaras sintéticas de IA representa uma evolução nos critérios de noticiabilidade que envolvem o risco na cobertura de conflitos urbanos. A tecnologia atua como uma “prótese ética”, onde o profissional opera como um curador que equilibra os imperativos de segurança com a manutenção do interesse público e da emoção do relato.

Essa técnica assegura o anonimato biométrico enquanto mantém a veracidade do testemunho em ambientes de alta vulnerabilidade digital, pois ela deixa de ser um mero recurso de pós-produção para se tornar uma garantia de sobrevivência do relato. A verdadeira inovação da Inteligência Artificial (IA) não reside apenas no algoritmo, mas em sua capacidade de processamento bioacústico, que soluciona o dilema histórico de proteger a fonte sem silenciar a sua dor.

No passado, a distorção vocal clássica impunha uma barreira estética que frequentemente desumanizava a vítima; contudo, como apontam Canavilhas *et al.* (2026), a IA generativa introduz uma “máscara vocal” que, ao mesmo tempo que preserva a identidade biométrica, mantém a carga dramática e a representação do sujeito. Essa transição exige uma nova responsabilidade técnica: garantir a fidelidade semântica. A alteração sonora deve ser estritamente estética, pois se a síntese de voz suavizar um soluço de desespero, o jornalismo falha em sua finalidade social de retratar a real gravidade do fato.

Nesse conjunto, emerge a alteridade mediada, onde o “outro” é percebido através do código. A responsabilidade social do jornalista diante da alteridade, e a IA, quando aplicada sob preceitos éticos, atua como um verdadeiro “escudo”.

Esse recurso reduz o risco da invisibilidade, pois, sem tal segurança tecnológica, muitas vítimas — especialmente em cidades do interior do Paraná e Rio Grande do Sul — recusariam o depoimento por medo do reconhecimento biométrico. Assim, a IA permite que o invisível se torne audível, dando voz aos vulneráveis sem expor a sua integridade física.

A finalidade social dessas práticas está ligada também à deontologia algorítmica, ao exigir o que a literatura denomina “vigilância epistêmica” ou *Human-in-the-loop* (humano no controle). O compromisso ético da RPCTV e da RBSTV não termina na exibição da matéria; ele abrange a transparência e a literacia mediática. A utilização de selos como “voz protegida por IA” educa o público sobre o uso legítimo da tecnologia, ao diferenciar o jornalismo profissional das *deepfakes*. O uso de inteligência artificial para o processamento de áudio em testemunhos de vítimas na RPC TV e RBS TV (e na Rede Globo como um todo) evoluiu de uma simples “distorção de voz” para o uso de vozes sintéticas.

Ao adotar essas ferramentas, o jornalismo reafirma a sua posição como instituição de cuidado, ao priorizar a criação de ecossistemas seguros para a denúncia em detrimento da busca isolada por audiência. Como reforçam Canavilhas *et al.* (2026), o algoritmo é desprovido de ética;



esta pertence ao jornalista que o opera. A finalidade social é, portanto, garantida pela figura do curador ético, que decide o uso da tecnologia para salvar vidas e encorajar o rompimento dos ciclos de violência.

## Protocolos de análise do *corpus* e tratamento de dados

As etapas a seguir foram pensadas e adequadas à proposta da pesquisa, ao permitir a formulação do *corpus* e a construção de eixos temáticos com base nas técnicas de Bardin (2016). De acordo com a autora, a análise de conteúdo se desenvolve na seguinte ordem:

1) Pré-análise – etapa que busca a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses, os objetivos e a elaboração de parâmetros que sustentem a interpretação final. Essa etapa envolve: a) leitura flutuante: permite conhecer o contexto e alcançar as primeiras impressões e orientações; b) escolha dos documentos: consiste em definir criteriosamente o conjunto de materiais que será analisado, priorizando aqueles que apresentam maior afinidade com os objetivos da pesquisa. A partir desse recorte, que envolve a escolha do tipo ou gênero documental, estabelece-se o *corpus* do estudo; c) regra de representatividade: a análise deve ser realizada a partir de uma amostra que reflita o conjunto dos materiais, garantindo que os resultados possam ser generalizados e aplicados a todo o material que compõe o acervo.

2) Codificação – etapa que corresponde à representação dos dados brutos, passando por três subetapas: a) recorte: refere-se à escolha das unidades a serem analisadas; b) unidade de registro: corresponde a uma parte significativa do todo, sendo necessário distinguir as unidades de registro e compreender a regra de enumeração e a forma de contagem; c) enumeração: diz respeito à escolha das regras de contagem, que podem ser quantitativas ou qualitativas, conforme os objetivos da análise; c) a classificação e a agregação: escolhas das categorias.

3) Categorização – etapa que realiza a classificação de elementos que compõem um conjunto de dados. Essa classificação ocorre por meio da distinção e do reagrupamento dos conteúdos com base em gêneros e aspectos comuns, seguindo duas subetapas: a) o inventário: isola os elementos a serem classificados; b) a classificação: organiza os elementos a partir de critérios de semelhança, buscando estabelecer relações entre as mensagens e construir categorias temáticas.

4) Tratamento dos resultados e a interpretação – esta etapa permite a conclusão da análise. Nela, Bardin (2016, p. 131) explica que os resultados brutos são trabalhados de modo a fazerem sentido, serem legítimos e contribuírem para a definição de quadros interpretativos. A partir disso, surgem inferências e interpretações que se relacionam com os objetivos propostos, podendo ainda revelar descobertas que não haviam sido previstas inicialmente.

Cada etapa da análise de conteúdo segue técnicas previamente definidas, ao compor um planejamento capaz de abranger tanto a dimensão quantitativa quanto a qualitativa. Esta última assume um papel ainda mais relevante, uma vez que, por meio dela, o pesquisador busca compreender o objeto de estudo por meio da inferência e da interpretação dos dados.

Quadro 1 – Análise de conteúdo em Bardin (2016)

| Fase                                      | Descrição                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pré-análise                               | A escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (Bardin, 2016, p. 125).                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Codificação                               | A codificação corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por meio de recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices. A codificação compreende três escolhas: recorte, agregação e enumeração (Bardin, 2016, p. 133).                                            |
| Categorização                             | A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (Bardin, 2016, p. 147). |
| Tratamento dos resultados e interpretação | Nesta etapa, os resultados brutos são trabalhados de maneira que façam sentido, sejam válidos e permitam estabelecer quadros interpretativos. A partir disso, é possível gerar inferências e antecipar interpretações que dialoguem com os objetivos propostos ou que revelem outras descobertas não previstas inicialmente (Bardin, 2016, p. 131).                                                                                                                            |

Fonte: Produção própria com base em Bardin (2016).

Além da análise de dados, a pesquisa conta com a contribuição da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), proposta por Coutinho (2016), que examina, de forma integrada, todos os elementos constitutivos do vídeo, como textos, som, imagem e edição. De acordo com a autora (2016), essa abordagem é essencial para preservar a comunicação e o sentido original da obra. A execução dessa etapa ocorre por meio da elaboração de uma ficha com perguntas específicas para a avaliação desses aspectos.

### A análise e os resultados referentes ao *corpus* de reportagens das emissoras RPC TV (PR) e RBS TV (RS)

Nesta etapa utilizou-se da aplicação da Análise de Conteúdo e da abordagem da Análise da Materialidade Audiovisual. Preliminarmente, buscou-se identificar as categorias temáticas nas reportagens que empregam tecnologias de voz e imagem para proteção de testemunhas.

No recorte temporal entre junho de 2024<sup>3</sup> e março de 2026, as matérias foram agrupadas conforme o contexto da violência e a modalidade de aplicação da IA. Após o agrupamento de 12 reportagens, identificou-se a predominância das categorias *preservação de vítimas* e *proteção de testemunhas*, que totalizam sete vídeos. Elas representam um conjunto de ações em que a

3 Os princípios editoriais de uso de IA do Grupo Globo entraram em vigor no dia 27 de junho de 2024.



IA atua como uma “prótese ética”, permitindo que o relato emocional sobreviva à necessidade de anonimato biométrico.

Tabela 1 – Inventário do corpus de reportagens com uso de IA (2024-2026)

| ID | Emissora | Telejornal         | Data       | IA                      |
|----|----------|--------------------|------------|-------------------------|
| 1  | RPCTV    | Meio Dia PR        | 12/12/2025 | Voz sintética           |
| 2  | RPCTV    | Meio Dia PR        | 04/12/2025 | Entrevista com peritos  |
| 3  | RPCTV    | Boa Noite PR       | 15/08/2025 | Vozes protegidas por IA |
| 4  | RPCTV    | Bom Dia PR         | 21/01/2026 | Educativo               |
| 5  | RPCTV    | Meio Dia PR        | 26/02/2026 | Testemunho de vítima    |
| 6  | RPCTV    | Meio Dia PR        | 10/11/2025 | Voz sintética de idosa  |
| 7  | RBSTV    | Jornal do Almoço   | 14/05/2025 | Voz sotaque regional    |
| 8  | RBSTV    | Bom Dia Rio Grande | 03/03/2026 | Voz protegida           |
| 9  | RBSTV    | RBS Notícias       | 20/09/2024 | Reconstituição via IA   |
| 10 | RBSTV    | Jornal do Almoço   | 08/03/2025 | Áudios Whatsapp/IA      |
| 11 | RBSTV    | RBS Notícias       | 12/01/2026 | Alerta tecnológico      |
| 12 | RBSTV    | Bom dia Rio Grande | 18/02/2026 | Depoimento processado   |

Fonte: Produção Própria, 2025.

A análise das 12 videorreportagens evidencia que a aplicação da IA nas afiliadas RPC TV e RBS TV responde diretamente às normas institucionais fixadas pelas *Diretrizes para o uso de Inteligência Artificial Generativa no Jornalismo do Grupo Globo* (2024). O mandamento ético de transparência e literacia midiática materializa-se na obrigatoriedade do aviso visual na tela, em conformidade com o princípio de alertar o público para evitar confusões com registros reais. Esse cenário atualiza o conceito de acusmatização da Teoria Clássica do Som.

Ao calibrar sistemas de síntese de fala (*Speech-to-Speech*) para preservar as inflexões originais, as emissoras cumprem a “fidelidade à essência” determinada pelos parâmetros editoriais, superando o distanciamento estético e o aspecto robotizado das antigas distorções acústicas. Nesse sentido, a voz sintetizada humanizada atua como um mecanismo de salvaguarda deontológica, resguardando a identidade biométrica da fonte no ecossistema de plataformação sem sacrificar a dimensão cultural, a carga dramática e a verossimilhança do relato na tela.

A materialidade audiovisual do *corpus* revela estratégias complementares de ocultação visual e proteção sonora, onde o tratamento da imagem e do som operam de forma integrada. Observou-se que a RPC TV adota uma abordagem alinhada ao padrão estético de rede nacio-

nal (como o *Fantástico* e o *Jornal Nacional*). Suas produções utilizam timbres naturais sintéticos acompanhados da locução padronizada: “a voz da vítima foi preservada com uso de inteligência artificial”, além de recursos visuais rígidos.

No primeiro caso analisado (*Meio-Dia PR*, 12/12/2025), a tela dividida exibe um infográfico com o mapa de ocorrências de violência contra a mulher no Paraná enquanto o depoimento traz o selo digital de IA. Já no vídeo três (*Boa Noite PR*, 15/08/2025), o anonimato é garantido por um plano de detalhe focado nas mãos entrelaçadas da sobrevivente, amparado por uma legenda fixa sobre a alteração vocal sintética.

Na reportagem cinco (*Meio-Dia PR*, 26/02/2026), a composição utiliza profundidade de campo, mantendo a vítima desfocada ao fundo enquanto a demonstração de um aplicativo de segurança ocupa o primeiro plano, combinando o registro com uma voz programada para reter a prosódia emocional original. Por fim, o vídeo seis (*Meio-Dia PR*, 10/11/2025) recorre à silhueta em contraluz para proteger uma vítima idosa, ajustando o timbre da voz sintética ao perfil etário da fonte para preservar a alteridade e a verossimilhança.

Por outro lado, as reportagens da RBS TV demonstram uma preocupação acentuada com a identidade regional e com a prosódia pedagógica. Em vez de um padrão puramente neutro, a emissora gaúcha adota uma postura educativa; além dos selos visuais, os apresentadores explicam verbalmente que a tecnologia reconstrói a voz original para aliar segurança e emoção. No vídeo sete (*Jornal do Almoço*, 14/05/2025), sobre o assédio no campo, a vítima é filmada de costas em cenário rural, assegurando a acusmatização visual. O diferencial ético reside na configuração da IA para manter o sotaque e as expressões típicas do interior do Rio Grande do Sul, preservando a conexão cultural com o telespectador.

No vídeo oito (*Bom Dia Rio Grande*, 03/03/2026), a imagem é puramente acusmática, exibindo vultos através de uma cortina para simbolizar o isolamento do cárcere privado, com o áudio protegido por uma tarja informativa. Na matéria de 20 de setembro de 2024 (*RBS Notícias*), a IA foi direcionada à reconstituição de testemunhos históricos e áudios fragmentados de WhatsApp, recuperando a clareza sonora em alta definição para salvaguardar a memória das vítimas. No último caso examinado (vídeo 12, *Bom Dia Rio Grande*, 18/02/2026), a narrativa acompanha a Patrulha Maria da Penha em operação, sobrepondo o áudio processado de uma leitura de boletim de ocorrência a legendas dinâmicas que auxiliam na inteligibilidade do relato documental.

Os dados obtidos junto às emissoras revelam um fluxo de trabalho padronizado em quatro etapas essenciais para garantir que o testemunho seja humanizado, mas biometricamente irreconhecível:

1. Captação: Gravação original da fala da fonte em ambiente controlado ou externo.
2. Higienização de conteúdo: Remoção editorial de nomes, gírias locais estritas ou referências geográficas capazes de expor a identidade do entrevistado.
3. Conversão de referência: Substituição da voz original por um modelo sintético básico correspondente ao perfil da fonte.
4. Ajuste de prosódia: Refinamento do ritmo, das pausas e da entonação conduzido pelo editor responsável para assegurar que a urgência ou a dor do relato não sejam artificializadas.

No que tange ao suporte tecnológico, embora as redações operem com ferramentas customizadas, o mercado de pós-produção audiovisual orienta-se por softwares específicos. O *ElevenLabs* (*Speech-to-Speech*) destaca-se por mapear os marcadores afetivos do áudio original (como o choro e as pausas) e projetá-los em uma nova “pele vocal” sintética. Para produções de maior orçamento e escopo documental no ambiente do Globoplay, utiliza-se o *Respeecher*, ferramenta de clonagem ética que gera uma voz “média” não pertencente a nenhum indivíduo real, impossibilitando que agentes agressores realizem a engenharia reversa do sinal acústico.

Esse processo é antecedido pelo uso do *Adobe Podcast* (*Enhance*), cuja função é o tratamento prévio do sinal; o software limpa os ruídos de gravações ocultas ou captadas em ambientes barulhentos, assegurando que os sistemas de conversão subsequentes recebam um espectro de áudio limpo e isolado para o processamento bioacústico seguro. Todo esse sistema técnico submete-se ao controle do jornalista, que atua como o curador responsável por garantir que a tecnologia funcione estritamente como uma máscara protetora, sem jamais alterar o sentido ou adicionar palavras ao depoimento original.

## Considerações Finais

A pesquisa deixou clara, a partir da análise das reportagens da RPC TV e da RBS TV entre 2024 e 2026, que a tecnologia de voz funciona como uma proteção essencial, ao procurar resolver um dilema jornalístico, entre a obrigação de informar e o dever de garantir a segurança de quem decide falar.

Os resultados demonstraram que a transição dos filtros acústicos tradicionais para os sistemas contemporâneos de conversão de fala reconfigura a recepção do conteúdo. A ausência do registro visual da testemunha deixa de operar como um fator de distanciamento, uma vez que a síntese paramétrica preserva os índices de prosódia e gera engajamento com o espectador. Dessa forma, o fato de não ver o rosto da vítima não causa distanciamento; pelo contrário, a voz sintética preserva a essência de quem está ali e gera uma conexão real com quem assiste.

Um ponto que chamou a atenção na pesquisa foi a diferença de estilo entre as duas emissoras. Enquanto a RPC TV seguiu um padrão visual mais rígido e alinhado nacionalmente, ao deixar tudo muito claro através de selos e avisos diretos na tela, a RBS TV trouxe um cuidado especial com a identidade regional. Eles ajustaram os algoritmos para que o sotaque gaúcho não se perdesse nos relatos de assédio no campo, ao mostrar que a tecnologia pode proteger o anonimato e, ao mesmo tempo, manter a marca cultural de quem vive naquela região.

O uso da Inteligência Artificial (IA) reafirmou que o telejornalismo pode atuar com responsabilidade social ao criar um ambiente seguro para denúncias, ao procurar fazer com que histórias invisíveis sejam ouvidas sem colocar vidas em risco. Mas a garantia disso ainda depende do olhar humano do jornalista/editor, que atua como um *curador* garantindo com que a tecnologia seja apenas uma “máscara” protetora e não mude o sentido do que foi dito. Essa transparência pode fortalecer a confiabilidade do público e tornar a ferramenta relevante em tempos de vigilância digital.

## Referências

- ARCILA-CALDERÓN, Carlos *et al.* **Jornalismo automatizado e inteligência artificial: percepções e dilemas éticos nas redações ibero-americanas.** Revista Latina de Comunicación Social, n. 77, p. 235-254, 2020.
- AUMONT, Jacques. **A imagem.** Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 4. ed. Campinas: Papirus, 1993.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário de teoria e crítica de cinema.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CAMPOS, Priscila; ARAUJO, Denize Correa. **A linguagem audiovisual no contexto das redes sociais.** In: COSTA, L. (org.). Comunicação e Linguagem: interfaces e diálogos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.
- CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; GIACOMELLI, Fábio; BIOLCHI, Bárbara (orgs.). **Plataformização e Inteligência Artificial no Jornalismo: práticas e reconfigurações.** Covilhã: LabCom - UBI, 2026. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- CARREIRO, Rodrigo. **O som no cinema: conceitos de teoria e estética.** Curitiba: Appris, 2018.
- CHION, Michel. **A audiovisualização: som e imagem no cinema.** Tradução de Laura L. M. Maciel. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise de ética no jornalismo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- COUTINHO, Iluska. **Análise da materialidade audiovisual: roteiro para observar o vídeo.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2016.
- DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FELIZARDO, Alexandre; SAMAIN, Etienne. **A fotografia e a escrita da luz.** São Paulo: Senac, 2007.
- FINGER, Cristiane; BARBIZAN, Silvio. **Jornalismo em vídeo gerado por Inteligência Artificial: narrativas e credibilidade.** In: ENCONTRO NACIONAL DA INTERCOM, 48., 2025. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Intercom, 2025.
- GLOBO E AFILIADAS. **Princípios Editoriais do Grupo Globo.** Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2024. Disponível em: <https://principioseditoriais.globo.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- GLOBOPLAY. **Acervo Digital e Transmissão ao Vivo.** Rio de Janeiro: Globo Comunicação e Participações S.A., 2026. Disponível em: <https://globoplay.globo.com>. Acesso em: 20 mar. 2026.
- JESUS, Maria de; CÉ, André. **Linguagem Audiovisual.** Porto Alegre: Sagah, 2019.
- KERR, Daniela *et al.* **Produção Audiovisual.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2020.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MASIP, Pere; SUAÚ-MARTÍNEZ, Jaume; RUIZ-CABALLERO, Carlos. **Newsmaking na era dos algoritmos: a reconfiguração das rotinas produtivas e o papel das plataformas digitais.** *Líbero*, v. 27, n. 53, p. 42-58, 2024.
- METZ, Christian. **A significação no cinema.** Tradução de Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade e tecnologia.** Covilhã: LabCom, 1999.
- RBS TV. **Portal de Notícias G1 RS.** Porto Alegre: Grupo RBS, 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul>. Acesso em: 18 mar. 2026.
- REDE DE PESQUISADORES EM TELEJORNALISMO (Rede Telejor). **As inteligências do telejornalismo.** Florianópolis: Insular, 2024. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 11).
- REDE GLOBO. **Diretrizes para o uso de Inteligência Artificial Generativa no Jornalismo.** Rio de Janeiro: Conselho Editorial do Grupo Globo, jun. 2024.
- RODRÍGUEZ, Ángel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual.** São Paulo: Senac, 2006.
- RPC TV. **Portal de Notícias G1 PR.** Curitiba: GRPCOM, 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana>. Acesso em: 18 mar. 2026.

- SILVIA, Tony. **Artificial Intelligence in Journalism: Changing the News**. Jefferson: McFarland & Company, 2025.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papirus, 2003.
- TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1978.
- WOLF, Mauro. **Teoria do jornalismo: os efeitos sociais dos media**. Lisboa: Presença, 1987.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- ZETTL, Herbert. **Manual de Produção de Televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.